

A CONSTRUÇÃO MARXISTA DE *O JOVEM HEGEL* DE LUKÁCS¹

LA CONSTRUCCIÓN MARXISTA DEL JOVEN HEGEL DE LUKÁCS

THE MARXIST CONSTRUCTION OF THE YOUNG HEGEL OF LUKÁCS

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v13i1.44408>

Antonino Infranca²

Resumo: O presente artigo é uma introdução à leitura de *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista*, obra seminal de György Lukács na qual o pensador húngaro analisa a trajetória de Hegel desde os primeiros escritos até a *Fenomenologia do espírito*. No texto, estudamos as origens da escrita do livro de Lukács, as suas polêmicas, como, por exemplo, a interpretação tanto stalinista como fascista de Hegel, além de mapear as grandes ideias defendidas por Lukács no interior de *O jovem Hegel*, concedendo ao leitor um breve panorama das categorias que se encontram nas páginas do livro de Lukács.

Palavras-chave: Lukács; Hegel; dialética; pensamento burguês.

Resumen: Este artículo es una introducción a la lectura de *El joven Hegel y los problemas de la sociedad capitalista*, obra fundamental de György Lukács en la que el pensador húngaro analiza la trayectoria de Hegel desde los primeros escritos hasta la *Fenomenología del Espíritu*. En el texto, Infranca estudia los orígenes de la escritura del libro de Lukács, sus controversias como, por ejemplo, la interpretación tanto estalinista como fascista de Hegel, además de mapear las grandes ideas defendidas por Lukács dentro de *El joven Hegel*, otorgando al lector una breve descripción de las categorías que se encuentran en las páginas del libro de Lukács

Palabras llave: Lukács; Hegel; dialéctica; pensamiento burgués.

Abstract: This article is an introduction to the reading of *The young Hegel and the problems of capitalist society*, a seminal work by György Lukács in which the Hungarian thinker analyzes Hegel's trajectory from the first writings to the *Phenomenology of the spirit*. In the text, Infranca studies the origins of the writing of Lukács' book, its controversies, such as, for example, Hegel's both Stalinist and fascist interpretation, in addition to mapping the great ideas defended by Lukács within *The Young Hegel*, granting to the reader a brief overview of the categories found in the pages of Lukács's book.

Key words: Lukács; Hegel; dialectic; bourgeois thinking.

A primeira tradução para o espanhol de *O jovem Hegel* de György Lukács, realizada por Manuel Sacristán, possuiu um leitor excepcional que a leu em um momento igualmente excepcional de sua vida: Ernesto Che Guevara no meio da luta na selva boliviana, um pouco antes de morrer. Ainda que o empenho

na luta lhe tolhesse energias físicas e mentais, Che Guevara conseguiu ler esse livro monumental, a ponto de compreender o seu núcleo central e seu valor teórico: “é um livro de muita profundidade que analisa exaustivamente a filosofia hegeliana de sua juventude e trata de explicá-la. Contribui para iniciarmos na difícil filosofia hegeliana, explicando inclusive seu vocabulário ao lado de sua metodologia. Apresenta análises muito sugestivas, entre as quais está a afirmação de que a dialética hegeliana não é somente a inversão da materialista, senão que detém suas próprias leis e sua mecânica, afundando-se em mistificações que a convertem em um pântano intransitável. O que não está suficientemente demonstrado, em meu conceito, é que Hegel seja o produto das contradições capitalistas. É um ponto que se deve tomar ou abandonar sem maior discussão”. Consideremos o juízo de Che Guevara como um estímulo à leitura da obra-prima de Lukács.

Escrevemos “obra-prima” porque, em comparação a outros trabalhos como *História e consciência de classe*, *A destruição da razão*, *Estética* ou *Ontologia do ser social*, ou demais obras juvenis, *O jovem Hegel* recebeu uma aclamação mais unânime e ainda hoje permanece um livro de referência entre todos os estudiosos de Hegel. Quem também sustenta a mesma afirmação é, inclusive, o famoso aluno de Lukács, István Mészáros, que considera o livro sobre Hegel como a obra-prima de seu mestre.

O livro foi concebido por Lukács em ocasião do centenário de morte de Hegel, isto é, em 1931, mas naquele momento histórico, o marxista húngaro não poderia dedicar-se à pesquisa, pois havia a pouco retornado à Alemanha depois de uma permanência de um ano em Moscou; além disso, a mesma Alemanha estava entrando na tempestade nazista, que ameaçava o próprio Lukács, tanto que, em 1933, deixou definitivamente Berlim rumo a Moscou. Daí, encontra-se no *Marx-Engels Institut* de Moscou, sob a direção de Mijail Lifschitz, estudioso de Hegel, que influencia diretamente Lukács e lhe oferece as condições para dedicar-se à pesquisa e à escrita da obra monumental. Lukács reconheceu a influência dedicando ao próprio Lifschitz a obra. A escrita da obra lhe requereu dois anos entre 1937 e 1938: “esse livro terminou em fins do outono de 1938. A eclosão da guerra, que aconteceu pouco tempo depois, impediu-me a publicação por muitos anos. Quando, em 1947-48, torna-se possível publicá-lo, submeti o texto a uma profunda revisão. A atual nova edição pela República Democrática Alemã foi revista ainda uma outra vez, porém, à parte alguns retoques estilísticos, não se processou quase nenhuma modificação”, como recorda Lukács no prefácio à edição alemão do livro.

Terminado em 1938³, foi iniciado muito provavelmente entre fins de 1934 e começos de 1935, quando Lukács abandona momentaneamente o projeto de escrever um livro contra a ideologia fascista alemã e passa a analisar com atenção a literatura hegeliana em ocasião do centenário de morte de Hegel, isto é, em 1931. Aquele livro contra a ideologia do fascismo alemão torna-se depois, no curso da guerra, *A destruição da razão*⁴. Assim, podemos afirmar que Lukács escreve *O jovem Hegel* em meio à luta político-ideológica antifascista, antes de se por à escrita de *A destruição da razão*⁵. Esse aspecto político-ideológico antifascista se pode entrever em *O jovem Hegel*; o mesmo Lukács no prefácio de 1954 à edição alemã, poucas linhas acima da citação mencionada, recorda que *O jovem Hegel* é “um contraponto positivo ao período

‘clássico’ do irracionalismo, o qual expus no meu livro *A destruição da razão*. A mesma luta que vem ali analisada de Schelling e seus sucessores, aparece nesse livro, da parte de Hegel, como crítica e superação do irracionalismo, ainda que somente como momento crítico-negativo na fundação do novo método dialético idealista”. Além de tal polêmica político-ideológica contra o irracionalismo, são frequentes as passagens em que Lukács refere-se às interpretações fascistas da filosofia do jovem Hegel. Não se pode, assim, prescindir de uma intenção política, em sentido amplo, isto é, ideológico, na escrita do livro e acerca dessa intenção chamamos a atenção do leitor.

Ademais, Lukács escreve *O jovem Hegel* sob a influência da leitura dos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844* de Marx, que havia lido em 1930 durante o seu primeiro período de permanência em Moscou. De fato, em muitas partes, sobretudo a respeito da *Fenomenologia do espírito*, as citações dos *Manuscritos* e os confrontos com a interpretação de Marx são constantes e contínuas. Tanto que se pode sustentar que a interpretação de Lukács está em paralelo com a de Marx, mesmo para sustentar com autoridade a nova interpretação que Lukács confere a Hegel, enquanto vive na Rússia stalinista. Outra autoridade intérprete marxista de Hegel, que Lukács cita em seu livro, é Lênin. A atenção de Lênin volta-se na direção do Hegel berlinense, mas permanece circunscrita ao pensamento lógico de Hegel e não ao político, do que deriva que Lukács pode utilizar Lênin apenas relativamente, mas é, de todo modo, um apoio notável contra o stalinismo imperante.

Lukács não compartilha totalmente da proximidade de Hegel ao materialismo, como havia pensado Lênin, interpretando tais proximidades materialistas como consequências do idealismo objetivo do filósofo alemão; idealismo objetivo que superava seja o idealismo subjetivo de Fichte e Schelling quanto o materialismo filosófico iluminista. Mas aceita a proximidade, operada por Lênin, do Hegel ao materialismo histórico. Para Lukács, efetivamente, a teoria do reflexo de Lênin é uma superação da especulação hegeliana. Ademais, Lukács projetou uma futura continuação de sua pesquisa que versaria sobre a relação entre Hegel e as ciências naturais com o objetivo de encontrar as raízes do evolucionismo na dialética hegeliana e, assim, a confirmação ou não das intuições leninistas. A bem dizer, a intenção da pesquisa projetada, que não foi realizada posteriormente, representa antes uma resposta às críticas a *História e consciência de classe* face à ausência na obra de 1923 de uma dialética da natureza. Lênin considerou Hegel um precursor do materialismo histórico enquanto existam na concepção hegeliana da história algumas intuições importantes da luta de classe e da afirmação do caráter progressivo da história. Portanto, desde a revolução burguesa, a revolução proletária teria surgido como uma conclusão dela, pois a revolução proletária surge da luta pela libertação de todos os povos e de todas as classes, da luta dos oprimidos contra sua própria forma de opressão.

A história para Hegel era o produto da luta entre povos e o espírito do mundo passava de um povo a outro, em uma espécie de “metapsicoses”, como afirma Lukács; no entanto, como fundamento da luta dos povos existe a luta de classes, enquanto povo dominante, como o francês à época de Napoleão, que tendia a transformar em subordinados a seus próprios objetivos os outros povos. Hegel aceitava tal dialética

da história em nome de um Reino da Liberdade, mas, depois, o desenvolvimento do império napoleônico lhe fez compreender quanto era metafísico o seu entusiasmo juvenil. O Hegel maduro desenvolveu a dialética ao invés da metafísica e o marxismo caminhou ainda mais adiante com o uso do método dialético para desvendar os fundamentos da realidade histórica no intercâmbio econômico da sociedade com a natureza.

A atenção de Lukács se concentra sobre o período juvenil de Hegel, mesmo porque o velho Hegel, o Hegel de Berlim, era considerado um reacionário pela cultura filosófica soviética. Elaborado em 1938, no mesmo ano em que Stalin fixava os cânones do materialismo dialético, isto é, o Diamat, o livro de Lukács é uma obra fora daqueles cânones, não entra nos esquemas da filosofia fixada pelo regime – tanto que não consegue ser publicado⁶ –, além de lançar luz sobre um período da vida de Hegel, que não era considerado digno de atenção por parte dos estudiosos, sejam soviéticos, sejam ocidentais. É uma prova a mais do intrínseco antistalinismo do pensamento de Lukács. Naturalmente Lukács não poderia declarar-se abertamente contra o Diamat, mas em *O jovem Hegel*, ele recorre ao subterfúgio de atribuir a interpretação de Hegel como filósofo da reação aos intérpretes alemães pró-nazistas, que em boa parte compartilhavam desta interpretação para poder increver Hegel entre os precursores do nazismo. De tal modo, Lukács, de um lado, polemiza com a interpretação pró-nazista – posição bem-vista e amplamente difundida pelos seguidores do Diamat – e, de outro, evita a polêmica com os filósofos do Diamat, porque estes últimos seriam obrigados a reconhecer a semelhança entre a interpretação nazista e a stalinista.

A propósito de Hegel, a interpretação stalinista do seu pensamento estava em consonância com aquela de Lukács num ponto: a admiração de Hegel por Napoleão, protótipo do guerreiro *citoyen*, totalmente ausente da tradição alemã e também russa, ao menos ao fim daquele momento histórico (1938). Naturalmente os intérpretes stalinistas viam em Napoleão a figura do homem forte, do guia da nação, que era no fundo o papel ao qual se propunha Stalin diante das massas da União Soviética e do mundo inteiro. Lukács não pode negar essa admiração hegeliana, mas a põe em contraste com o papel político antinapoleônico de Fichte na sua participação na luta de liberação da Alemanha. Fichte havia posto o acento sobre a atração de Napoleão face às expectativas revolucionárias dos jacobinos alemães, entre os quais ele contava a si mesmo, enquanto que Hegel havia sempre permanecido longe da posição jacobina. Lukács sustentava que o caráter progressivo do pensamento hegeliano se nota propriamente nestas suas posições reacionárias. Está usando os mesmos paradigmas que, no campo da crítica literária e contemporaneamente à escrita de *O jovem Hegel*, usará a propósito da diferença entre obra e a experiência vivida pelos autores. De Balzac colocará em evidência as suas posições políticas reacionárias, bem distintas das suas obras realistas, intrinsecamente críticas da sociedade burguesa. Segundo esses paradigmas, o Hegel antijacobino capturou o caráter efêmero e abstrato daquela corrente política alemã, substancialmente romântica e subjetiva, pondo-a em confronto com a necessidade de um desenvolvimento objetivo da economia e da sociedade alemã.

Os escritos do jovem Hegel, publicados ao início do século XIX, na ocasião do centenário da morte do filósofo alemão (1831), ofereceram a Lukács a possibilidade de distinguir no curso da produção filosófica

de Hegel entre um período juvenil, até a *Fenomenologia do Espírito*, ainda atraído pela revolução francesa e pelo papel emancipador de Napoleão, e um Hegel pretensamente partidário do Estado prussiano e da reação absolutista. No prefácio mesmo à sua obra, Lukács ousa escrever que “uma consciência efetiva de Hegel é absolutamente necessária para compreender plenamente a parte não imediata, mas às vezes bastante mediata, cumprida por Marx na evolução do pensamento na Alemanha”, e que não faz nenhuma distinção entre o jovem Hegel e o Hegel berlinense. Na Introdução, insiste: “resumidamente – o que é demasiadamente claro para um marxista – pode-se compreender incomparavelmente melhor o Hegel tardio, caso se siga a história da formação do seu sistema”. O tom é quase uma justificativa não apenas para sua escolha em estudar a formação do jovem Hegel, quanto para a escolha do Hegel berlinense por aproximar-se da monarquia prussiana.

Que se diga que Lukács faz um breve aceno à política reformadora de Frederico II – que era sob alguns aspectos uma antecipação das reformas conduzidas na época napoleônica –, recordando que Hegel considerava tal política restrita apenas à Prússia. Os intérpretes hegelianos, conservadores e reacionários, construíram uma imagem de Bismarck inspirados em Hegel, baseados na ação política de Bismarck pela unificação nacional alemã e na construção do Estado prussiano, que foi inclusive o primeiro exemplo de *Wohlfahrstaat* (Estado de bem-estar). Estado de bem-estar que atraiu tanto Lassalle e, assim, uma parte do Partido Social-Democrático Alemão porque sem dúvida se consistia numa política social de todo inédita e mais avançada face ao que existia na Europa burguesa e liberal da época. Por outro lado, Bismarck responde à exigência da burguesia alemã de transformar-se em classe política dominante, depois de ter alcançado o domínio no campo econômico. Lukács não se esquece de destacar as diferenças entre o velho Hegel e Bismarck, recordando as diferentes concepções políticas de ambos, embora o sistema de necessidades e a sua satisfação estivessem no centro da reflexão do Hegel berlinense, assim como estavam ao centro dos interesses do chanceler alemão. Com efeito, o panorama da unificação nacional alemã era a máxima perspectiva que Hegel havia se colocado; não havia transcendido a nação alemã na direção de uma perspectiva superior e mais universal. Nisso, permaneceu preso à perspectiva de Fichte, ao passo que será Schelling aquele que galgará um horizonte que transcende o dos homens singulares, que, depois, Hegel retomará na sua noção de Reino da liberdade.

Lukács não podia conhecer os estudos de Karl-Heinz Ilting, que surgiram apenas nos anos oitenta do século passado, mas ele teria seguramente aceitado suas premissas, pois demonstravam que o que Lukács sustentou a propósito do jovem Hegel valia também para o Hegel berlinense, ou seja: que o filósofo alemão continuou a cultivar a ideia de uma revolução burguesa e liberal durante os anos da Restauração, ao menos privadamente ou no interior do estreito círculo de seus alunos mais íntimos (enquanto um Hegel esotérico, nos escritos publicados, e, então, acessíveis a todos, predicava a apologia do Estado reacionário prussiano). Ilting, na prática, demonstra que a interpretação lukacsiana não apenas é correta, mas que se estende ao período da vida de Hegel que o stalinismo descartava como reacionário. Nesse sentido, Lukács ele mesmo, em *O jovem Hegel*, acerca do período berlinense do filósofo alemão, e – repito – sem conhecer os textos das

lições berlinenses, publicados por Ilting nos anos oitenta, afirma: “a concepção hegeliana da filosofia possui, também nesse período, uma tendência ‘esotérica’ colateral, a saber, a esperança de poder conseguir, mediante a agitação do mundo intelectual dos homens, transformar a realidade mesma ou, pelo menos, acelerar esta transformação”. O próprio Lukács, ainda uma vez sobre a base do modelo hegeliano, pensava um papel renovador dos intelectuais marxistas no interior e contra o stalinismo e, por esta razão, pretendia renovar o marxismo, fazendo-o retornar às suas raízes hegelianas e dialéticas.

De certo modo, a interpretação de Hegel não era considerada positivamente por todos os pensadores que se inspiravam no marxismo. Os sucessores do marxismo de matriz positivista consideravam Hegel, no mesmo tom dos stalinistas, um defensor da reação aristocrática prussiana. Mesmo entre os pensadores marxista-leninistas a imagem de Hegel era aquela de um pensador reacionário, mas, pelo menos, nesse caso, Lukács podia apelar ao próprio Lênin⁷.

Todos esses motivos nos induzem a considerar *O jovem Hegel* como um livro com um caráter político, seja na Rússia soviética, seja no marxismo, mas inclusive na filosofia ocidental *tout court*. Todavia, não é político apenas por ter desafiado os cânones aceitos no período, mas igualmente porque a sua estrutura interna é fortemente dominada pela política. Lukács constantemente coloca em evidência as concepções políticas de Hegel em contraposição às de Fichte ou, especialmente, às de Schelling. Ele assinala, evidentemente, os seus limites, isto é: ter permanecido um intelectual, confinado no mundo de seus livros, mas, em todo caso, sempre semeando suas posições políticas radicais e revolucionárias, constantemente contra o poder aristocráticos e o espírito burguês, filisteu e antirrevolucionário, que interrompiam com a sua obstinada resistência um desenvolvimento evolutivo que, mesmo mediante a Revolução francesa, conduzia a história na direção de um Reino da liberdade. Ao término das primeiríssimas obras, Hegel se mostra favorável a uma transformação radical da Alemanha, começando a considerar a Grécia antiga como um modelo político para a contemporaneidade. O sistema republicano grego, particularmente o ateniense, é exibido por Hegel como uma autêntica proposta política, fortemente influenciado por sua permanência na Suíça, onde por séculos estava implantada uma pequena república democrática, propriamente uma verdadeira exceção na Europa monarquista e absolutista.

Paradoxalmente, a posição de Hegel face à recuperação do espírito grego como dimensão espiritual e política é correlata à tomada de posição do mesmo espírito grego que o jovem Lukács havia tentado em sua *A teoria do romance*, o primeiro livro escrito sob forte influência de Hegel e depois de ter colocado à parte a influência de Kierkegaard, presente em *A alma e as formas*. Diga-se de passagem, no ano da publicação de *A alma e as formas*, isto é, 1910, surge o famoso livro de Dilthey *Jugendsgeschichte Hegels*, que se tornará um dos contrapostos polêmicos de *O jovem Hegel*, mas que, sem dúvida, concede notável relevância aos escritos juvenis de Hegel entre os estudos filosóficos da época. Enfim, inclusive ao jovem Lukács uma república democrática na pequena Hungria aparecia como uma possibilidade concreta, em conjunto com a recuperação dos valores morais dos antigos cidadãos gregos. Era o sonho de uma forma nova de comunidade política e social, que, assim como a polis antiga, se transformasse no terreno para “o florescer

da liberdade e da grandeza humana”, porque ali se realizaria “a coincidência da autonomia moral do sujeito singular com a coletividade democrática de todo o povo”, como escreve *O jovem Hegel*. Como o jovem Hegel, também o jovem Lukács refutava o presente a favor da antiguidade, unia a proposta de novas constituições políticas com aquela dos valores morais, que, para Hegel, não remontam à aristocracia feudal, e que, para Lukács, não eram conforme a burguesia capitalista. Ademais, Lukács começa a pensar uma alternativa colocada no passado, quando o presente se tornou impossível de ser vivido por causa do estopim da Primeira Guerra Mundial e da conseqüente impossibilidade de uma comunidade cristã, seja luterana, seja cristã, frente ao nacionalismo exasperado das classes burguesas nacionais. Igualmente Hegel se refugiava na antiguidade em face do estopim da guerra antirrevolucionária.

Ambos privilegiavam a esfera pública em detrimento da esfera privada, em evidente contraste com a ideologia burguesa. O jovem Lukács procurava uma via de saída do conformismo social da burguesia húngara; sentia a exigência de uma profunda modificação da perspectiva cultural de um país ainda vinculado às suas raízes étnicas, à sua particularidade cultural e linguística. Para o jovem Lukács, o Ocidente oferecia uma redenção diante daquele atraso político, e cultural na mesma medida, ainda que o filósofo húngaro, frente ao estopim da Grande Guerra, temesse que a Hungria fosse dominada pela civilização capitalista ocidental. Tanto Hegel quanto Lukács transitavam desde a contemplação estética, cultivada nos dois sobre o gosto da beleza grega, rumo à teorização política. Marx retomará da cultura grega os gostos estéticos, enquanto Hegel e Lukács, pensavam também na política. Apenas um humanismo marxista permitirá a superação de tal fascínio pelo humanismo antigo grego; mas, dialeticamente, o humanismo marxista permitirá, acima de tudo, a superação do caráter indubitavelmente progressista – no sentido da quantidade – do capitalismo.

Do ponto de vista de *O jovem Hegel*, há um aspecto quase autobiográfico e esse caráter não se limita apenas à tomada de partido a favor do espírito grego. No famoso prefácio de 1967 à *História e consciência de classe*, Lukács confessa esta relação profunda com Hegel: “olhando para mim mesmo no tempo, posso notar que a aproximação na direção de Hegel, do idealismo ético com todos os seus elementos de anticapitalismo romântico, havia ali qualquer coisa de positivo para a minha imagem de mundo que nasce daquela crise.” (LUKÁCS, 1978, p.IX)⁸ Trata-se de uma identificação que vale para o período pré-marxista de Lukács e que termina com a sua passagem ao marxismo, no seu aprofundamento da perspectiva revolucionária, quando dos livros o jovem Lukács passa para os homens, a classe operária, os trabalhadores e a militância no partido comunista; passagem que Hegel nunca realizou, pois não encontrou na burguesia alemã uma classe revolucionária e observou Napoleão superar os projetos dos jacobinos alemães, para construir aquilo que o Hegel tardio considerou o modelo de Estado moderno. A única força a que o jovem Hegel se agarrou foi a religiosa: a reforma religiosa havia colocado um ponto final na morta positividade alemã; o mesmo não fez o jovem Lukács, que permaneceu estranho a qualquer chamamento religioso. Isso que une o jovem Hegel ao jovem Lukács é mesmo uma escolha política subordinada à escolha moral, a saber: o

reconhecimento da primazia da moral sobre a política. Posição que será, em seu tempo, reivindicada por Gramsci.

Outro aspecto que será comum entre o jovem Hegel e Lukács é a concepção da Revolução e do Estado. Ambos vivenciaram épocas revolucionárias; Lukács revela em vários momentos no curso do livro o entusiasmo de Hegel pela Revolução francesa, unido ao ponto de vista utópico direcionado à antiguidade grega, que é semelhante à que o próprio Lukács encontrava entre o espírito grego e a Revolução russa. Para o jovem Hegel o Estado é “produto e expressão da livre e espontânea atividade dos homens, da sociedade democrática”, concepção com a qual Lukács concorda, em especial na recuperação da polis antiga e que sustentará mesmo nos anos da maturidade. O Estado é uma instituição que se funda sobre um povo unido, como era nas sociedades antigas. Propriamente a escrita de *O jovem Hegel* representa tanto um resgate do ideal juvenil do espírito grego e como a sua reposição, sob a forma de indagações acerca do pensamento hegeliano, nos anos mais duros do stalinismo.

O atraso econômico, social e político da Alemanha foi claramente compreendido por Hegel; todavia, ele não soube encontrar alguma referência política, alguma instituição na qual poderia se agarrar para ver realizadas as suas concepções políticas. Por isso mesmo, perdidas as ilusões juvenis, Hegel defendeu soluções idealistas e reacionárias para aquele atraso, soluções do “alto”. Assim, deveria abandonar os ideais políticos juvenis e “reconciliar-se com a realidade”, ainda se essa reconciliação realce a sua capacidade de análise dialética da realidade, porque a reconciliação é o claro reconhecimento que a realidade da sociedade capitalista possui um caráter dinâmico, que modifica e se modifica, que se transforma continuamente. Então, a conciliação com a realidade é um dos aspectos mais fecundos e originais do pensamento hegeliano, pois Hegel é capaz de ver no presente os desenvolvimentos futuros, porém, ainda imaturos e, por isso, é constrangido a aceitar o presente, enquanto momento transitório em contínua transformação na direção do novo: cada momento é o inteiro, mas mesmo o inteiro está se dividindo.

Hegel permanece vinculado à dialética do *citoyen e bourgeois*, em que o segundo é o substrato para a elevação do primeiro à luz do espírito. Em Lukács está presente um destino similar, uma vez que, depois da derrota da República Húngara dos Conselhos de 1919, advém uma “reconciliação com a realidade” que adia para o futuro a perspectiva de uma palingênese revolucionária⁹. Não obstante, porém, essa condição negativa, Hegel chegou a compreender o significado revolucionário global da Revolução francesa, o desenvolvimento do capitalismo industrial inglês e conseguiu relacionar-se com estes dois movimentos transformadores, elaborando uma dialética que é o instrumento lógico da história mundial, e que foi compreendido pelo marxismo. Em Hegel, a dialética quase substituiu a reflexão política. No que concerne a esse destaque, a lição de Lênin é totalmente assumida por Lukács em termos positivos; verifica-se um traço dessa influência justo no subtítulo da primeira edição da obra: *dialética e economia*, ressaltando as relações entre a economia capitalista e a sua compreensão através da dialética hegeliana¹⁰.

Naturalmente, o estudo da economia representa a superação da defesa da *polis* grega, que era concebida como uma sociedade “sem economia” e que era apreciada pela ampla igualdade econômica. Hegel havia já compreendido que a desigualdade econômica é a principal causa do nascimento de regimes despóticos e antiliberais. Lukács recorda que a civilidade antiga era valorizada por Hegel porque era considerada por ele como uma época de escassa divisão do trabalho, ao contrário da sociedade moderna, onde a divisão do trabalho produz o indivíduo moderno, mas limita fortemente suas capacidades de produção artística. Por outro lado, o cristianismo é a religião do singular e somente na época burguesa isso se realiza na prática sob as formas da ideologia burguesa, como de outro modo havia intuído Marx, que utilizava a esse propósito as metáforas abstraídas do texto bíblico para comentar o funcionamento da economia política capitalista¹¹. Lukács considera Hegel o único pensador alemão da sua época que se interessa pela economia, esquecendo-se do Fichte de *Estado comercial fechado*, que mais que um livro de política, é também um livro de economia, tanto por ter se inspirado no projeto de *Zollverein*, de união aduaneira, entre os estados alemães, realizada pela Prússia em 1818. Não há dúvidas, porém, que Hegel é o primeiro pensador alemão da época a ser profundamente influenciado pela economia política inglesa. Inclusive, antes de Marx, é o primeiro que toma consciência do fato de que as regras morais da sociedade burguesa se chocam contraditoriamente com as regras econômicas e sociais da sociedade mesma. Nesse sentido, o indivíduo burguês é uma contradição vivente, um homem inteiramente empenhado a não um homem inteiro; assim, na Alemanha, à época do jovem Hegel, a divisão social do trabalho impunha uma divisão entre as qualidades espirituais e sensíveis e era uma espécie de “destino insuperável” em constante contraste com o indivíduo burguês. Para Lukács, a genialidade de Hegel consiste nesse aspecto político-teórico.

Os estudos de economia de Hegel movem-no rumo ao estudo da economia inglesa e à sua teoria econômica e à condenação da morta positividade alemã, isto é, da exigência de renovação da sociedade alemã, sem chegar a aplicar mecanicamente o modelo inglês. Sobretudo o sistema político inglês de monarquia constitucional, garantido pela atividade econômica, chamava a atenção de Hegel. O teórico econômico inglês mais estudado por Hegel foi Stuart; observa Lukács que as teorias de mais-valor e de mais-trabalho de Smith e Ricardo não foram completamente compreendidas por Hegel. Assim, as contradições entre capital e trabalho são capturadas por Hegel apenas no campo da política internacional e não no interior da economia de um Estado. Porém, Hegel, diferente de Goethe ou Balzac, não pode exprimir aqueles traços típicos da essência contraditória da civilização capitalista em uma obra literária, sem ser científica, detalhada, sustentada por uma teorização conceitual. Por fim, para Lukács, Hegel, como Goethe e Balzac, é um crítico implícito da sociedade capitalista, dos seus valores fundantes e da dinâmica de seu desenvolvimento.

Vinculada à concepção da objetividade, assim como da economia como atividade objetivante, está a questão da alienação que Hegel trata amplamente na *Fenomenologia do espírito*, mas que se percebe lentamente aparecendo desde seus escritos juvenis mais remotos. Acima de tudo em Frankfurt, quando em *O fragmento*

do sistema aparece a contradição entre a propriedade, coisa morta e positiva, e o amor. O confronto não é posto a partir de posições românticas, mas desde a consideração econômica da propriedade que aliena o ser social, ao ponto de negar-lhe comportamentos que não sejam rigorosamente econômicos, como reconhece mesmo Goethe em seu *Wilhelm Meister*. A teorização do amor, como unidade de sujeito e objeto, é um aspecto que advém da recusa da desumanidade da sociedade burguesa, é ainda um apelo à beleza da antiguidade e de seus mitos eróticos, é uma tomada de posição a favor de um humanismo social antiburguês. A propriedade opera ainda a função de impor uma divisão de classes, que para o velho Hegel será o estatuto definitivo da sociedade burguesa, em particular, e da sociedade humana, em geral. Nasce daqui uma contradição entre diversos deveres, todos fundados sobre relações de produção, assim como, igualmente, as leis são superadas por estas contradições. As contradições da sociedade burguesa permanecem sendo um objetivo a ser resolvido por Hegel, dada a carência de instrumentos para alcançar a solução.

Lukács põe em destaque que a ideia marxista que a história é um produto da atividade humana, da objetivação/alienação da práxis humana, comparece já no jovem Hegel¹², antecipando nessa direção o que Marx argumentará em seu tempo, a propósito do fetichismo e de sua específica objetividade; mesmo Hegel compreenderá que a fetichização implica uma certa hierarquia entre as formas de fetichização da objetividade social. Aquilo que atrai a atenção de Lukács é a concepção hegeliana, largamente manifesta na *Ciência da lógica*, mas antecipada na *Fenomenologia do espírito*, que cada forma de ser é um movimento dialético, sem uma meta própria, ao passo que seu escopo lhe vem do exterior. No caso da história será a astúcia da razão; no caso do trabalho, da forma originária da práxis humana, o escopo vem da astúcia da razão humana.

A atividade humana de subjetiva torna-se objetiva na produção das coisas, das mercadorias; antes, o objeto pode tomar posse do homem e reduzi-lo a coisa, como Lukács descreve em *História e consciência de classe*. Como se afirmou acima, o amor manifesta as contradições da sociedade burguesa, porque somente nele sujeito e objeto encontram a união perfeita. De fato, Hegel considera sempre a sociedade burguesa como qualquer coisa de unitário e as classes sociais são consideradas apenas em um nível fenomenológico. O Hegel de Frankfurt começa a considerar as instituições políticas como o resultado da atividade humana e não mais um destino inelutável. Diante do rei se pode rebelar-se; as democracias podem ser instauradas e melhoradas; a passagem definitiva está completa, segundo Lukács, no Hegel de Jena, quando em sua filosofia a positividade será substituída pela alienação e estranhamento, que produzem específicas formações sociais.

Essa descoberta, contudo, põe uma outra forma de contradição dialética: aquela entre a autonomia da individualidade humana e a legalidade objetiva das formas de mediações sociais, as quais, a exemplo da economia, são criadas pelos homens. Propriamente por confrontar-se com essa contradição, Hegel desenvolve, em paralelo a um profundo conhecimento da economia política, a sua dialética cujo método captura a complexidade das questões das relações entre indivíduo e sociedade¹³. Hegel concebe a alienação como o momento da superação da particularidade do singular na universalidade do povo, isto é, o momento constitutivo da individualidade burguesa, que é o momento da superação definitiva da utópica e juvenil comunidade grega e a sociedade burguesa é o ponto mais alto da alienação do espírito.

Lukács deixa compreender que Hegel desenvolve a sua dialética propriamente a partir do conhecimento da economia política, recuperando de tal modo o que Marx afirmou nos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. Na origem do desenvolvimento da dialética hegeliana está o conceito de trabalho, dividido em três momentos: necessidade, trabalho e satisfação. Hegel passa do particular ao universal mesmo na compreensão da dialética do trabalho. Lukács toma de Hegel a concepção do trabalho como forma originária da práxis humana, o que depois desenvolverá amplamente na sua *Ontologia do ser social*. Desde essa tríade, Hegel se colocará em condições de desenvolver o conceito de instrumento, de máquina, de divisão do trabalho e da consequente alienação do trabalho. Hegel compreende também a contradição entre o progresso das forças produtivas e a desumanização da condição operária, que é a contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e o contemporâneo atraso da humanidade. Aparece aqui, então, em Hegel uma concepção do progresso que é fundada sobre a desigualdade de tal progresso, à mesma maneira que Marx. O *citoyen* retrocede face ao desenvolvimento do *bourgeois*: esta é para Lukács a *tragédia do ético*. Essa compreensão permanecerá característica do resto da vida e da produção teórica de Hegel.

Lukács pretende mostrar que o Hegel de Jena, aquele da *Fenomenologia do espírito*, é já o Hegel maduro, que não é o defensor da Restauração, senão quem continua a reflexão crítica sobre o sistema capitalista. No que tange a Hegel, o destaque da interpretação de Lukács diferente da do Diamat, torna-se sempre mais claro e óbvio; vejam que Lukács chega a repreender o menchevismo, que por muitos aspectos mantém-se preso ao Diamat (leiam o menchevique Deborin que ao passar para o bolchevismo atacou *História e consciência de classe*), por não estar à altura dos fundadores do marxismo, que ao invés procuraram uma solução possível para essa *tragédia do ético*.

A compreensão completa do mundo do trabalho permite a Hegel compreender que a alienação surge do trabalho e que é, assim, um resultado da atividade humana. A compreensão do dinheiro como coisa permite a Hegel intuir o caráter fetichista do capital. Naturalmente Lukács não esquece de ressaltar as lacunas na análise hegeliana da economia, como, por exemplo, a incompreensão do valor, e por consequência do mais-valor, do mais-trabalho, do lucro, isto é, de todo o complexo de conceitos que, em seu turno, Marx capturarão, permitindo-lhe desenvolver uma inteira crítica da economia política. Hegel confunde mesmo categorias econômicas e categorias jurídicas, e, em conformidade com o pensamento burguês, dá às formas jurídicas um posto mais elevado na alienação do espírito, conferindo precisamente ao Estado a função de máxima alienação do espírito. Dado que a alienação surge do trabalho, então, a individualidade alienada é fruto de um processo histórico: o indivíduo atua em meio a uma realidade que é o produto da sua ação objetivante ela mesma. O indivíduo não é ainda completamente consciente dessa situação, e o inteiro processo de tomada de consciência, *conscientização*, é aquele *Bildungsroman* descrito na *Fenomenologia do espírito*.

Desse modo, em um trecho anotado por Lukács, durante o estudo e a pesquisa da *Fenomenologia do espírito*, mais precisamente na altura da dialética do senhor e escravo, o filósofo húngaro aponta às margens do livro: “H. e Robinson¹⁴”. H. é Hegel e Robinson é Robinson Crusoe. Lukács evidentemente sublinha o

caráter *Bildungsroman* presente também no romance de De Foe, no qual se demonstra a pura “individualidade que é real em si e para si”. A individualidade burguesa se forma unicamente dentro da sociedade capitalista, que para Hegel é o reino animal do espírito. Dessa forma, logo quando Hegel, na parte do ‘Espírito’, se debruça sobre a “Unidade”¹⁵, Lukács observa em uma das suas raríssimas anotações extratextuais: “a mercadoria!¹⁶”; e nas margens da folha, anota: “metafísica da mercadoria”. Lukács entende por “metafísica da mercadoria” a unidade entre os dois aspectos da mercadoria, a saber: o caráter natural do objeto e o caráter social do mesmo, que enquanto social é mercadoria, assim objeto também para outras subjetividades em um contínuo devir que é a essência da sociedade capitalista.

Ainda, quando na “Religião”, Hegel se refere à criação¹⁷, Lukács afirma: “então, para H. é a ‘criação do mundo’ uma *mitológica expressão para a alienação do espírito*”. Mais atrás, antes que Hegel escreva “o ser para nós imediato se transforma em pensamento¹⁸”, Lukács observa: “com isso o trabalho característico versus a animalidade¹⁹”. Nesse sentido, o espírito e a religião em Hegel são, para Lukács, formas de objetivação e alienação da subjetividade humana, fazendo-se coisa no processo de estranhamento, quando a autoconsciência pode elevar-se a mais inteira consciência de si na coisa ela mesma. Inclusive, as instituições políticas, sociais e econômicas são coisas que se formam no processo de objetivação e alienação do espírito, até o ponto de tornarem-se estranhamentos do espírito ele mesmo. O sujeito poderia recuperar esse processo de *Entäußerung* com um processo contraposto de *Erinnerung*, lembra Lukács, isto é, quando o objetivo se torna subjetivo. E é propriamente isso que ocorre na religião.

A capacidade de Hegel de capturar a dialética entre subjetivo e objetivo, entre universal e particular, permanece sempre relevante, porque do ser social Hegel deduz as categorias mais abstratas do espírito – é o momento em que Engels distingue o sistema hegeliano de seu método dialético. Com efeito, é típico do uso da dialética hegeliana-marxista permitir ao jovem Lukács a superação da fase metafísica de sua juventude. Lukács reconhece a superioridade da lógica hegeliana, ainda que elementos importantes do movimento da economia lhe escapem. A superioridade de Hegel aparece a Lukács por sua capacidade de capturar na economia em geral as categorias da atividade econômica singular, mesmo se o caráter empírico da economia esteja sempre “deduzido” do pensamento. Não obstante a inversão idealista das relações sociais, Lukács vê em Hegel sempre uma implícita crítica do capitalismo. Ainda uma vez, esse aspecto do pensamento hegeliano não está limitado à obra juvenil, mas a seu inteiro desenvolvimento teórico – até mesmo aparece mais claramente no período da maturidade. É verdade, porém, que os limites idealistas do pensamento hegeliano, induzem o filósofo alemão a entrar numa gaiola conceitual, na qual a “verdadeira profundidade” da análise hegeliana da sociedade capitalista é ao mesmo tempo uma “falsa profundidade”.

A interpretação de Lukács é mais clara se se considera a “astúcia da razão”. Ou seja, a emergência de uma potência da história que é a soma da ação de todos os homens, mas é igualmente qualquer coisa que vai para além das intenções dos homens, realizando um fim ulterior a respeito daquilo que era o objetivo das ações humanas coletivas. Hegel aplica esse conceito na relação entre indivíduos e estruturas econômicas, entre o trabalhador singular e o modo de produção capitalista, entre o cidadão singular e o Estado. Há,

então, uma astúcia da razão do modo de produção capitalista, que regula segundo as próprias leis, a produção econômica e a reprodução social. A relação entre o universal, modo de produção capitalista, e o particular, o trabalhador singular, não é mecânico como pretendia a Segunda Internacional. Como era de seu costume, Lukács esconde a polêmica contra o stalinismo sob as vestes da polêmica contra a concepção positivista do marxismo, típica da Segunda Internacional, e, para reforçar sua tomada de posição, cita Stalin, ao lado de Lênin, para seu auxílio. As citações de Stalin eram, por outro lado, obrigatórias em qualquer publicação científica. O respeito dos cânones do Diamat cobre os olhos dos censores distraídos e superficiais do stalinismo a polêmica de Lukács.

O objetivo último do livro de Lukács é a reconstrução da influência das contradições da sociedade burguesa e do sistema de produção capitalista sobre a dialética de Hegel, isto é, a análise da herança do marxismo. Como é notório Marx e Engels haviam indicado as três raízes do materialismo histórico na política francesa, na economia política inglesa e na filosofia clássica alemã. Lukács pretende mostrar como as três raízes agem separadamente no marxismo, mas que se fundem na dialética hegeliana, a qual, depois, Marx superou com sua própria dialética e permitiu de se descortinar o “verdadeiro” Hegel contra o “falso” Hegel defendido por seus alunos e pela reação prussiana, para não falar da Diamat stalinista. Para Lukács se tratava de dar valor ao marxismo, de conferir-lhe uma raiz genitora e de fazê-lo herdeiro da cultura moderna, como era intenção dos seus dois fundadores. Igualmente nesse caso, Lukács toma partido pelo marxismo “autêntico” contra a vulgata stalinista.

Referências

- DUSSEL, Enrique. *Las metáforas teológicas de Marx*. Estella: Verbo divino, 1993.
- FEHÉR, Ferenc. Lukács in Weimar. In: Heller, Agnes (ed.). *Lukács revalued*. Oxford: Basil Blackwell, 1983.
- HEGEL, G. *Fenomenologia dello spirito*. Florença: La Nuova Italia, 1976.
- HIPPOLYTE, J. Alienazione e oggettivazione: a proposito del libro di Lukács sul giovane Hegel. In: J. H. *Saggi su Marx e Hegel*. 3 ed. Milão: Bompiani, 1973.
- LUKÁCS, Georg. Prefazione del 1967. In: _____. *Storia e coscienza di classe*. Milão: Sugar, [1967] 1978.
- LUKÁCS, Georg. *Pensiero vissuto*. Autobiografia in forma di dialogo, interv. I. Eörsi. Roma: Riuniti, 1983.
- LUKÁCS, Georg. Libertad y perspectiva. Una carta a Cesare Cases. In: INFRANCA, Antonino; VEDDA, Miguel (ed.). *Georg Lukács, testamento político*. Buenos Aires: Herramienta, 2003.
- PACI, Enzo. *Idee per una Enciclopedia fenomenologica*. Milão: Bompiani, 1973.
- SZIKLAI, László. Lukács e l'età del socialismo. Contributi alla genesi di Der Junge Hegel. In: VALENTE, M. (org.). *Lukács e il suo tempo*. Nápoles: Pironti, 1984.
- TERTULIAN, N. Lukács interprete di Hegel. In: LANZILLO, M.L.; RODESCHINI, S. (org.). *Percorsi della dialettica nel Novecento*. Da Lukács alla cibernetica. Roma: Carocci, 2011. p.60-61.

Notas

- 1 Tradução do original em italiano realizada pelo professor Ranieri Carli (UFF).
- 2 Doutor pelo Instituto de Filosofia da Academia Húngara das Ciências. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6334515770050781>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1661-0546>.
- 3 László Sziklai, por muitos anos diretor do Lukács Archivum di Budapest, reporta à data de novembro de 1937 (SZIKLAI, 1984, p.54), do que se deduz que *O jovem Hegel* foi escrito contemporaneamente a *O romance histórico*.
- 4 Temos dois esboços desse livro sob o título *Wie ist die faschistische Philosophie in Deutschland entstanden?* [Como nasce a filosofia fascista na Alemanha?], de 1933, e *Wie ist Deutschland zum Zentrum der reaktionären Ideologie geworden?* [Como a Alemanha torna-se o centro da ideologia reacionária?] de 1934, ambos publicados pela editora Akadémiai Kiadó, de Budapest, em 1982.
- 5 É o próprio Lukács que sustenta a contemporaneidade dos dois estudos: “aquele livro [*O jovem Hegel*] naturalmente era direcionado contra toda a linha oficial, porque Zdanov sustentava que Hegel era um crítico romântico da revolução francesa. Para não dizer que à época comecei a trabalhar também em *A destruição da razão*.” (LUKÁCS, 1983, p. 112)
- 6 Sempre no *Pensamento vivido*, Lukács (1983, p.220-1) anota: “a oposição à ideologia stalinista é (universal, não delimitada à estética). (Verdade que os demais – como *O jovem Hegel* – então não era possível de serem publicados).” O livro foi publicado em 1948 na Suíça, mas, com tantos erros, se tornou necessária uma nova edição na Alemanha Oriental em 1954.
- 7 Críticas vieram a Lukács de ambientes do marxismo fenomenológico. Menciono o caso de Enzo Paci: “Lukács resume as oito partes da *Fenomenologia do espírito* em três partes mais concisas, inspirando-se no posterior ordenamento da filosofia hegeliana. A *Consciência*, a *Autoconsciência*, a *Ração* são vistas como *Espírito Subjetivo* (o que não é verdade, pois basta pensar ao servo e senhor para adentrar em relações sociais, ou na linguagem de Hegel, nesse caso, ‘objetivas’). O *Geist* seria o *espírito objetivo*. A *religião* e o *saber absoluto*, o *espírito absoluto*. O que impressiona nessa divisão é que no *Espírito objetivo* falta a eticidade, iniciada na Grécia e prolongada com o estranhamento até a Revolução francesa e realizada por inteiro de fato com a Restauração”. (PACI, 1973, p.154) Na realidade, Lukács não cita “o posterior ordenamento da filosofia hegeliana”, mas o índice da *Fenomenologia*, que tendo sido escrita em 1807 não poderia prolongar a eticidade até a Restauração, que, como se sabe, iniciou em 1815. Como se sabe também do índice da *Fenomenologia*, as figuras do servo e do senhor constituem o primeiro momento da *Autoconsciência*, que é parte do *Espírito subjetivo* e a *Eticidade* presente no *Espírito objetivo*.
- 8 G. Lukács, *Storia e coscienza di classe*, Prefazione del 1967, tr. it. G. Piana, Milano, Sugar, 1978, p. IX. A mesma interpretação é sustentada por Fehér (1983, p.75-76). Fehér chega a sustentar que em *O jovem Hegel* está contida uma “reconciliação com a realidade” que teria induzido Lukács a aceitar a “crueldade” do socialismo para lutar contra o fascismo.
- 9 Destaca-se que a perspectiva de uma reconciliação com a realidade é drasticamente refutada por Lukács depois da derrota da Revolução de 1956, cf. Lukács, 2003, p.111. Do mesmo modo que uma reconciliação com a realidade havia sido refutada por Lukács nos anos 1920, depois da derrota das revoluções comunistas na Europa central.
- 10 Nicolas Tertulian no seu ensaio “Lukács intérprete de Hegel”, recorda como Croce se recusou a resenhar *O jovem Hegel* graças apenas à notícia de seu subtítulo, *Dialética e economia*, na verdade imposto pelo editor suíço Hans Oprecht. Croce estava escandalizado pela relação entre a dialética e uma esfera da vida prática, mesmo se um tempo depois e pouco antes de morrer, em 1952, começasse a perguntar-se se efetivamente as origens da dialética fossem na “obscura vida prática” e na esfera do egoísmo humano (cf. Tertulian, 2011, p.57).
- 11 Cf. Dussel, 1993, p.317.
- 12 Jean Hippolyte expressa um juízo muito positivo sobre o livro de Lukács a propósito da análise da relação entre objetivação e alienação, além da relação entre filosofia e economia, no pensamento de Hegel (Cf. Hippolyte, 1973, p.84-113). Acerca da observação de Hippolyte, que vê na relação entre objetivação e alienação uma “tensão inseparável da existência” (p. 108), Lukács responderá no prefácio de 1954: “As tentativas, levadas a cabo na França, de ‘modernizar Hegel’ no sentido existencialista e irracionalista (como sobretudo no conhecido livro de J. Hippolyte), não fornecem motivo algum para modificar qualquer ponto na minha exposição, ou mesmo integrá-la”.
- 13 Nos apontamentos preparatórios de *Pensamento vivido*, Lukács anota: “na passagem a campos ulteriores (começo *O jovem Hegel*) a questão formalmente ainda ‘cientificamente’ delimitada: mostrar que as mais sutis reações intelectuais da filosofia ao mundo nascem – em última instância – da adequada generalização das reações da vida primária (da pesquisa econômica objetiva). Por isso já em Hegel: em primeiro lugar, como método geral, exigência da gênese da história do pensamento (gênese aqui mais do que meramente surgir, que, antes, consciência).” (Cf. Lukács, 1983, p.220)
- 14 Cf. G. Lukács, Notas sobre *Fenomenologia dello spirito*, manuscrito inédito, folha 6, Lukács Archivum. Esses apontamentos são inéditos e conservados no Lukács Archivum di Budapest. Aqui me refiro à folha 15.
- 15 Cfr. Hegel, 1976, VI, 2/b, § 143, vol. II, p. 121.
- 16 G. Lukács, apontamentos inéditos, folha 23.
- 17 Hegel, 1976, VII, C, § 103 p.271
- 18 Hegel, 1976, VII, B, § 75, p.251.
- 19 G. Lukács, apontamentos inéditos, folha 34.

Recebido em: 22 de abril de 2021

Aprovado em: 26 de abril de 2021